

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a Sessão Plenária da Cimeira Empresarial Brasil-União Européia

Lisboa, 04 de julho de 2007

OBS: Este discurso foi proferido na Sessão Plenária e não no encerramento da Cimeira Empresarial Brasil-União Européia, conforme divulgado anteriormente.

É uma satisfação especial rever o meu amigo, primeiro-ministro José Sócrates, a quem recebi no Brasil no último mês de agosto. Tenho também grande alegria em reencontrar meu companheiro Durão Barroso, presidente da Comissão Européia, que nos visitou em maio de 2006. Quero agradecer os esforços de ambos para que esta Cúpula se realizasse.

Hoje nos reunimos para dar início a uma nova era do relacionamento entre o Brasil e a União Européia. Estamos lançando uma parceria estratégica, estamos elevando nossa relação à altura de suas potencialidades, e estamos projetando uma visão comum para um mundo em transformação. É significativo que este processo se inicie em Lisboa e que ocorra no momento em que Portugal assume a Presidência do Conselho da União Européia, num período em que um amigo português está à frente da Comissão Européia.

Há 47 anos, o Brasil estabeleceu relações diplomáticas com a então Comunidade Econômica Européia. De lá para cá, a União Européia cresceu e aprofundou-se. Hoje, reúne 27 países vocacionados para a democracia, a paz, a liberdade, a prosperidade e a justiça social. É uma construção única, que motiva a todos que acreditam na cooperação internacional e na interdependência solidária. É também uma fonte de inspiração para a integração que estamos construindo no Mercosul e na União de Nações Sul-Americanas.

A parceria estratégica entre o Brasil e a União Européia se alicerça em uma realidade econômica sólida. Superamos, em 2006, a cifra de 50 bilhões de dólares de comércio bilateral, um crescimento de 13% em relação ao ano

anterior e de 60% em relação a 2003. Nossas trocas com a União Européia representam 22% de nosso comércio exterior.

O estoque de investimentos diretos europeus no Brasil é de 150 bilhões de dólares. O Brasil oferece todas as condições para atrair nova leva de empresários europeus. O Programa de Aceleração do Crescimento do Brasil, que lancei em janeiro último, apresenta uma radiografia de oportunidades, sobretudo no setor de infra-estrutura.

Mas há, evidentemente, muitas outras. A Cimeira Empresarial que hoje se realizou em Lisboa propiciará novos negócios e investimentos. As empresas brasileiras também estão ganhando presença na Europa. Tenho instado os nossos homens de negócios a transformarem suas companhias em verdadeiras multinacionais.

Queremos também dar contornos mais ambiciosos à nossa parceria em outros campos, como ciência e tecnologia, meio ambiente, educação e cultura. Para tanto, devemos dar ao Diálogo Político de Alto Nível e à Comissão Mista Brasil-União Européia o necessário impulso.

A agenda da reunião que ora iniciamos reflete bem o porquê de nossa parceria estratégica. Brasil e União Européia podem começar a pôr em prática uma necessidade que salientei na Cúpula Ampliada do G-8. As grandes questões globais, como comércio, mudança climática e segurança energética, não podem ser discutidas em círculos restritos, que não levem em conta as posições dos grandes países em desenvolvimento. Se quisermos verdadeiramente construir um mundo melhor, temos que estimular o diálogo e a cooperação entre o Sul e o Norte sobre os principais temas da agenda global.

É grande o patrimônio de valores e ideais comuns que sustenta e orienta nossa união de esforços para enfrentar os grandes desafios do presente. Comungamos de princípios democráticos e do respeito aos direitos humanos. Respalamos as Nações Unidas como principal instrumento da defesa da paz e da segurança internacionais. Confiamos no sistema multilateral para a promoção do desenvolvimento com justiça social. O grande desafio que temos é o de operacionalizar esses valores, mediante propostas concretas, se possível comuns ou pelo menos coordenadas. Para isso deve servir nosso diálogo.

Meu amigo José Sócrates, que foi ministro do Meio Ambiente, bem conhece a urgência de se encontrar alternativas energéticas renováveis, mais limpas, mais eficientes e menos custosas. No momento em que a comunidade internacional discute saídas para a ameaça do aquecimento global, o Brasil e a União Européia podem patrocinar soluções inovadoras no campo dos biocombustíveis, inclusive através da cooperação triangular em países mais pobres da América Latina, Caribe e da África.

Os biocombustíveis aumentam a segurança energética, ajudam a conter os efeitos da mudança climática e promovem o desenvolvimento sustentável. O etanol e o biodiesel abrem caminho para uma verdadeira revolução para as economias dos países mais pobres. Geram empregos, renda e segurança alimentar, fixando a população na terra e fornecendo uma nova alternativa para as aspirações de desenvolvimento. Essa é a mensagem que levarei amanhã à Conferência Internacional sobre Biocombustíveis, em Bruxelas.

Brasil e a União Européia também são chamados a oferecer soluções inovadoras e solidárias no âmbito da Rodada de Doha. Não podemos aceitar que o atual impasse continue. Estaríamos colocando em xeque o sistema multilateral de comércio como um todo, com prejuízos enormes para os países mais pobres. Mas, para que essa seja efetivamente uma Rodada para o Desenvolvimento, não podemos, como nas rodadas anteriores, privilegiar a liberalização dos setores de maior interesse dos países altamente industrializados. Chegou a hora de nivelarmos o terreno e igualarmos as regras aplicáveis ao comércio de bens industriais àquelas dedicadas ao comércio de bens agrícolas, que são do interesse de grande parte da humanidade. Em especial, não podemos permitir que esta Rodada se conclua, sem que haja uma redução efetiva e substancial de todas as formas de subsídios e barreiras que distorcem o comércio agrícola.

Penso também que a nossa parceria deve contribuir para que as negociações do acordo de associação entre o Mercosul e a União Européia cheguem a bom termo. Estou convencido de que temos muito a ganhar com essa associação, desde que se levem em conta as necessidades e peculiaridades de ambos os blocos. Estou certo, também, de que a união destes dois blocos contribuirá para a construção de um mundo multipolar, inofensivo a hegemonismos.

A governança global só será justa e efetiva se for acompanhada do fortalecimento das instituições multilaterais. O Brasil e a União Europeia têm responsabilidades maiores em ajudar as Nações Unidas a fazer frente aos desafios do século XXI. Temos que orientar o processo de reforma do Conselho de Segurança, de forma a torná-lo mais representativo e eficaz. Também devemos somar esforços para assegurar que o Conselho de Direitos Humanos e a Comissão de Construção da Paz atendam às nossas altas expectativas. Situações como a do Haiti, em que o Brasil está profundamente envolvido, oferecem oportunidade para pôr em prática os ideais que defendemos nesses foros.

A Ação contra a Fome e a Pobreza, que lancei em Nova York ao lado de alguns colegas europeus, apontou para a necessidade de mecanismos inovadores de financiamento ao desenvolvimento. Já colhemos um primeiro fruto. A Central de Medicamentos ajudará a mitigar os efeitos devastadores de pandemias como o HIV/AIDS, a malária e a tuberculose nos países mais pobres, especialmente na África. Sei que a União Europeia está empenhada em levantar os recursos necessários para realizar plenamente as Metas do Milênio. Queremos trabalhar em conjunto com a Europa nesse sentido. Afinal, nada é mais estratégico do que eliminarmos os flagelos da fome e da pobreza, que estão na raiz de muitos outros males que persistem ou mesmo se agravam no mundo de hoje: as guerras, o terrorismo e o crime organizado.

Nosso engajamento conjunto em iniciativas para tornar nosso mundo mais pacífico e mais justo será expressão maior do caráter estratégico de nossa parceria.

Muito obrigado.